

comum:
“faça você mesmo”
em cineclubismo

autoria e coordenação editorial

André Di Franco

co-autores e colaboradores

Bruno Greco

Fernanda de Sena

Guilherme Menezes

Laiene Souza

agradecimentos

Clarisse Alvarenga

projeto gráfico

Ana Kossoski

Essa cartilha foi impressa em risografia na AIC – Associação Imagem Comunitária, nos papéis Super Bond Canário 75g/m², Offset 90g/m² e Opalina 120g/m². A tipografia utilizada é a Circular e parte das ilustrações foram retiradas do The Noun Project. Primavera de 2017.

sumário

prefácio	5
introdução	6
parte I	9
parte II	14
parte III	23
glossário	27

prefácio

Clarisse Alvarenga

Até pouco tempo atrás, o cinema era tido como algo quase que sagrado. Não fazia parte da vida das pessoas comuns, permanecendo inalcançável e restrito, disponível apenas a um pequeno grupo que acabava decidindo o que era o cinema.

Quando o cinema passa a fazer parte da vida das pessoas e do cotidiano delas muita coisa muda. Uma das primeiras modificações perceptíveis é que passa a ser possível ser espectador/espectadora de filmes, exibidor/exibidora e também realizador/realizadora, fazendo todas essas coisas juntas (e em associação a outras) de modos muito singulares.

Nas escolas, nas bibliotecas, nas salas de aula, nos centros acadêmicos, nos postos de saúde, nos centros comunitários, nos hospitais, nas instituições sócio-educativas ou prisionais, nos abrigos, nos bairros, nas ruas, nas aldeias indígenas, nos quilombos, no campo ou onde mais se possa imaginar, o cinema chega sempre para transformar a vida nos espaços partilhados, mas também para ser transformado por aqueles e por aquelas que dele se apropriam. O que esta cartilha nos mostra é que o cinema pode sim estar ao alcance das mãos, entrar na vida de todos e todas que queiram dele se aproximar, sendo também alterado nesse processo.

Confeccionar uma tela branca, um projetor, escurecer uma sala, reunir filmes, exhibir e filmar passam a ser práticas que inauguram outras maneiras de se fazer cinema, outros cinemas ainda impensados. É sobre a potência de tudo aquilo que está por vir, de todas as histórias que ainda não foram vistas ou contadas, que esta cartilha nos fala.

—introdução

como funciona a cartilha?

I

Na primeira parte, entendendo as limitações das estruturas das escolas de educação básica, trazemos um método para a construção de um projetor caseiro e de uma tela de cinema pela lógica do *do it yourself* (faça você mesmo), além de oferecermos outras dicas para a construção do espaço de exibição fílmica. Desta forma, utilizando materiais baratos e de fácil acesso, estudantes, funcionários e professores têm a possibilidade de participar de uma experiência com o cinema de transformação até mesmo do ambiente da escola, tornando-se agentes cada vez mais ativos daquele espaço.

II

Na segunda parte, fazemos algumas provocações sobre como exibir um filme e realizar um debate, além de oferecermos dicas sobre como organizar a sessão e onde conseguir os filmes. A ideia é proporcionar alguns rumos didáticos, mas que, de nenhuma forma, limitem as potências criativas que podem vir a surgir ao imaginarmos e trazermos o cinema para a escola.

III

A terceira parte da cartilha é destinada à criação fílmica. Através de dispositivos cinematográficos, propomos que a escola crie seus próprios filmes. Para tanto, trazemos alguns destes dispositivos como o minuto lumière e o filme haikai, além de oferecer um conjunto bibliográfico onde se pode encontrar mais atividades como estas. A ideia é que para tal trabalho não seja necessário mais do que uma câmera de celular, muito embora seja preferível, quando disponível, a utilização de um equipamento mais apropriado de filmagem, como um tripé e uma câmera.

o que eu preciso saber?

Nada, absolutamente nada. Não é necessária qualquer formação. O importante é que todos queiram experienciar juntos, professor queira aprender com aluno e vice-versa, pois daí que nos aparece a maior potência do cinema na sala: a possibilidade de empreender uma criação sinceramente democrática. O cinema como debate fílmico, ao invés do cinema como material didático; como constante invenção, ao invés do cinema subjugado ao ensino direto de conteúdo.

“A arte não se ensina, se experimenta. A experiência deve ser nova para o professor e para o aluno. É pela experiência que o professor pode sair do lugar daquele que ensina para experimentar com os alunos. Experimentar no lugar de interpretar [...] Assim, o que está dado para se ensinar com o cinema é um não-sei-o-quê de possibilidades. Ensinar com o cinema passa, justamente, por um ‘não saber’ das partes que se preparam para o acontecimento, ou seja, para a invenção intempestiva consigo e com o outro, com as imagens, mundos e conexões que o cinema nos permite, nos autoriza.” *

*Cezar Migliorin, *Cinema e escola, sob o risco da democracia* (2010) Revista Contemporânea de Educação — V.5, N.9

O cinema portanto nos desola, pois aponta para os mais variados lugares, nos indicia com os mais diversos olhares, muitas vezes conflituosos entre si. Este cinema, ao menos o dos “bons filmes”, nos transporta para o espaço do dissenso, do debate e da reflexão, em contraponto ao programa tradicional de distribuição de conhecimento e saberes. É uma oportunidade para que, através do ver e fazer filmes, do experimentar e inventar, professores e estudantes possam provocar e conhecer juntos o mundo, ou melhor: os mundos.

por que o cinema na escola?

Desde a chegada do cinema no Brasil, críticos, intelectuais e educadores procuram trazer o cinema para as escolas, com os mais diversos objetivos e nos mais variados formatos. Vigorou, durante bastante tempo, a proposta de inserção do cinema na educação enquanto um recurso estritamente didático, como instrumento para a distribuição de conteúdos e discursos prontos, como mais um destes livros didáticos que enchem as prateleiras e mesas das escolas brasileiras. Nós em contraponto, atrelados às discussões contemporâneas sobre este encontro entre cinema e escola, defendemos o trabalho com o cinema enquanto dispositivo de invenção, capaz de unir pensamento e criatividade, incitando a reflexão crítica e ativa. O cinema não deve servir como peça da “decoreba” clássica da escola, deve incitar a reflexão pela criação, o debate e a fruição.

Neste sentido, acreditamos que o encontro do cinema com a educação possa possibilitar que a experiência fílmica reverbere pelos corpos dos estudantes, professores e pelos corredores da escola. Inventar com a tela, vislumbrar outros olhares e provocar novos pontos de vista. O cinema é uma arte da alteridade, que nos possibilita o encontro com o outro para que, junto dele, possamos inventar outro mundo, um mundo da diferença e, como esperamos, mais justo. Um cineclube é forma de dar vida a isso, de fazer reverberar, em discussões, dinâmicas e atividades, aquilo que os filmes, e talvez só eles, podem nos trazer. É dar continuidade àquilo se encerraria com o apagar das luzes do projetor, marcar tela e escola com a experiência comum de fruir cinema juntos.

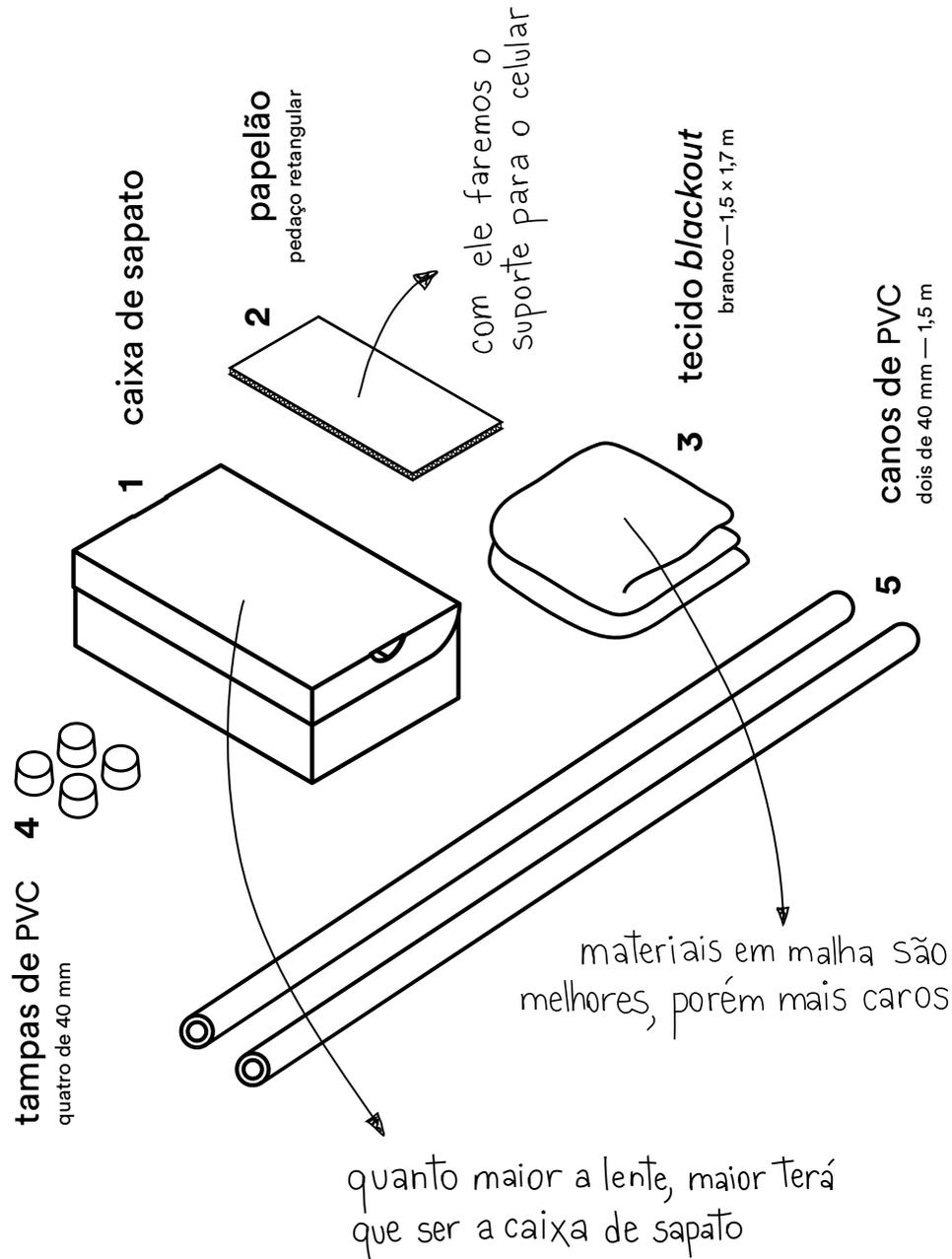
A lei 13.006, de 14 de junho de 2014, institui que a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, duas horas mensais. Neste sentido, a criação de um cineclube voltado ao cinema de criação brasileiro se posiciona como uma interessante alternativa para a escola atender ao que estabelece o currículo nacional.

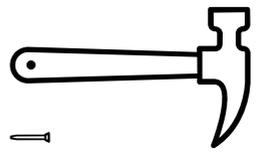
a lei 13.006



— parte I montando o seu próprio cineclube

lista de materiais



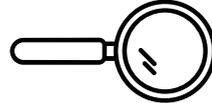
martelo 6 

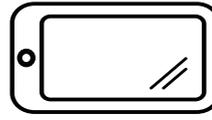
prego 7 

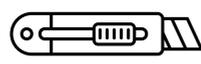
pincel 8 

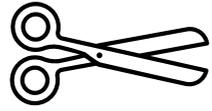
tinta preta 9 
guache, spray etc

corda fina 10  barbantes trançados, fios de nylon etc
resistente a peso—2,0 m

lupa 11 

celular *smartphone*, 12 
com alto brilho de tela

estilete 13 

tesoura 14 

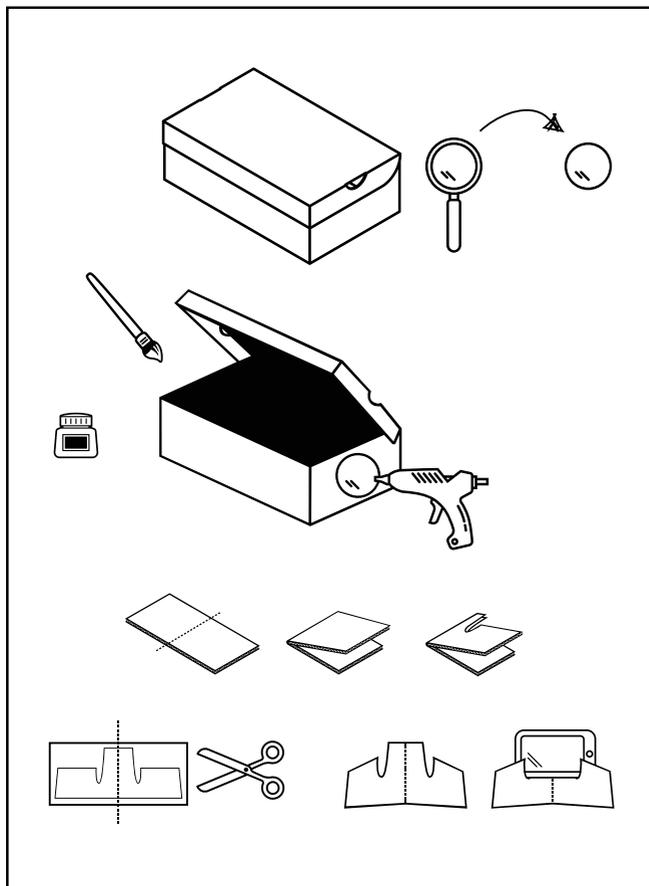
cola quente 15 

projektor

Materiais necessários:

1, 2, 8, 9, 11, 12, 13, 14 e 15

A construção do projetor caseiro é uma boa opção para uma atividade que possibilita nos aproximar das formas mecânicas pelas quais a imagem se torna visível. Embora ele possa ser utilizado para exibição de filmes, recomendamos que utilizem um projetor profissional de melhor qualidade quando possível, visto que a qualidade do projetor caseiro não será perfeita.



- a Remova a lente da lupa de sua armação, coloque-a na lateral (menor) da caixa e, com um lápis ou uma caneta, faça o seu contorno.
- b Corte com o estilete sobre a linha demarcada. Encaixe a lente no buraco e use cola quente ao redor para fixa-la na caixa.
- c Pinte o interior da caixa de preto.
- d Dobre o pedaço de papelão, faça um desenho como o da figura e corte com o papelão ainda dobrado.
- e Pegue o celular e aumente seu brilho ao máximo, desative a rotação de tela e coloque-o com a imagem de cabeça para baixo sobre a haste de papelão.
- f Para melhorar o foco da imagem, arraste o celular e a haste de papelão para frente ou para trás, já dentro da caixa de sapato. Este fator dependerá da distância da tela onde será projetado.

tela de projeção

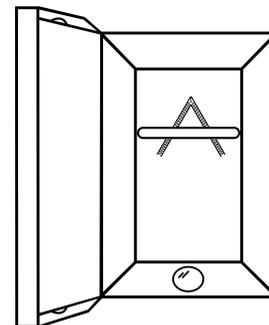
Materiais necessários:

3, 4, 5, 6, 7, 10, 14 e 15

Antes de começar este passo, tenha em mente que para se projetar algo basta uma parede branca. Se você tem uma parede assim, este passo é opcional, mas continua sendo de grande importância, pois desta forma poderão ser administrados debates fora do “convívio escolar”. É muito fácil e barato construir uma tela de projeção, a qual vocês poderão levar para qualquer lugar depois, seja no pátio da escola, em uma praça, ou mesmo em casa. Siga as instruções de como construir uma:



- a Corte o tecido *blackout* branco em dois pedaços iguais de 85 x 150 cm, coloque um sobre o outro e passe cola quente nas laterais. Este processo é usado para diminuir a transparência da tela.
- b Cole o *blackout* branco sobre o cano ainda com a cola quente, de modo que pareça um pergaminho. Espere secar.
- c Com a tela em mãos, escolha qual dos lados ficará para cima. Feito isto, encaixe a ponta da corda dentro de uma das entradas do cano e tampe-o com a tampa de PVC. Faça o mesmo com a outra extremidade. Certifique-se de que a corda esteja bem presa e de que seu tamanho seja o suficiente para que a tela não fique muito baixa.
- d (Passo opcional) No cano inferior, você pode colocar um pouco de areia ou outro material para dar um leve peso. Cuidado para não colocar muito peso e rasgar a tela.
- e Escolha um local tranquilo, amplo e ao abrigo de luz para colocar sua tela. Com o prego e o martelo fure a parede e pronto!



Para que sua sessão fique ainda mais especial, é importante que vejamos os filmes em uma sala escura, como em um cinema.

Para isso, vocês podem comprar tecidos de TNT preto e pregar nas janelas da sala, criando uma cortina. São várias as possibilidades, basta criatividade. Agora é só fazer as pipocas!

vedando a sala

— parte II

cinema e reflexão

Depois de construir sua sala de cinema, agora é hora de vocês exibirem os filmes. É interessante compreendermos que a experiência com o cinema não se encerra com a tela preta e os créditos. Em outro sentido, ela é capaz de transbordar as salas e reverberar nas mentes e gestos dos espectadores. Por fim, alguns dispositivos podem ser utilizados para amplificar as potências desta experiência, como, por exemplo, o debate após a sessão. Segue, portanto, uma breve reflexão sobre o assunto.

escolhendo o filme (e onde encontrá-lo)

Existem diversas plataformas onde podemos encontrar filmes, longas e curtas metragens, que podem ser exibidos gratuitamente, sem fins lucrativos, em escolas e cineclubes. Muitas destas já acompanham propostas de atividades que podem ser realizadas antes ou depois da sessão, principalmente dentro de um contexto educativo. Além disso, é muito fácil pedir um filme para uma produtora ou distribuidora para a exibição, como demonstraremos mais à frente. Graças a democratização dos meios de informação, tornou-se muito mais simples, tanto acessar os filmes como estabelecer um diálogo com os realizadores destes. O importante mesmo é estar atento para o sentido pelo qual escolhemos os filmes e como imaginamos que eles possam atingir nossa comunidade de espectadores, de que forma podemos acionar as mais intensas potências da experiência fílmica, a forma como podemos acionar as potências de nosso comum.

Defendemos que o cinema de caráter industrial (Hollywood, Globo Filmes etc), ou os documentários estritamente didáticos, que utilizam uma estética mais objetiva e se aproximam mais do perfil jornalístico, com alguns discursos pré-estabelecidos e conceitos já dados, não atendem ao contexto de cinema e educação que propomos aqui e não se caracterizam como filmes com potencial de exibições em cineclubes. Estes filmes, através de seus formatos, impõem discursos prontos aos espectadores anulando qualquer embate e discussão crítica. Eles suprimem qualquer forma de horizontalidade, pois procuram transmitir ao invés de discutir. De outro lugar, defendemos filmes que não limitem as potencialidades criativas que o cinema pode oferecer, concedendo ao espectador sua devida agência diante do filme enquanto ser crítico. Mas é claro, não existe uma regra, este é somente o nosso olhar enquanto um cineclubista.

Neste sentido, encontramos no cinema independente brasileiro um lugar interessante para se pensar. São filmes que se abrem para o espectador, não terminam em discursos pré-estabelecidos, muito menos procuram nos neutralizar; ao contrário, eles acionam o nosso pensamento enquanto indivíduos ativos em contraposição à passividade que nos exige o cinema hollywoodiano. Além disso, estes são os filmes mais acessíveis para nós, pois vários deles estão disponíveis em acervos como o da Programadora Brasil, o Porta Curtas e do cinefronteira.

porta curtas Plataforma de curtas metragens brasileiros. Muitos deles acompanham atividades didáticas.
portacurtas.org.br

plataforma taturana São vários filmes nacionais, inclusive recentes. Basta cadastrar o cineclube, gerar um login e agendar as exibições. Após agendados, os filmes são disponibilizados para baixar.
taturanamobi.com.br

curta na escola Plataforma do Porta Curtas especializada no público escolar.
curtanaescola.org.br

makingoff Plataforma fechada de download de filmes, extremamente completa, com legendas exclusivas e filmes de todo o mundo. Para acessar é necessário estar atento para a abertura periódica de cadastro.
makingoff.org

videocamp Plataforma muito interessante para escolas e cineclubes com filmes diversos e organizados por temáticas, atividades e curadorias.
videocamp.com/pt

libreflix Plataforma colaborativa de filmes brasileiros independentes.
libreflix.org

afroflix Plataforma colaborativa de filmes brasileiros com ao menos um negro(a) em uma função artístico/técnica no filme.
afroflix.com.br

vídeo nas aldeias Vale a pena pesquisar os conteúdos disponíveis no site do projeto Vídeo nas Aldeias, que disponibiliza gratuitamente os filmes produzidos por eles, todos realizados por indígenas.
www.videonasaldeias.org.br

curtadoc Plataforma de documentários latino-americanos. Organizada por temáticas, curadorias, regiões etc.
curtadoc.tv

filmoteca online
filmotecaonline.com.br

proar
proar.escolaanimada.org.br/
verfilmes

retina latina
www.retinalatina.org

programadora brasil
ctav.gov.br/tag/
programadora-brasil

kinoforum
www.kinoforum.org.br/guia

cinifestivais
cinifestivais.com.br/calendario

guia fala
www.guiafala.com.br

mapa de mostras e festivais ancine
www.ancine.gov.br/pt-br/
mapa-de-mostras-e-festivais

Site com filmes para download de fora do circuito comercial.

Plataforma de Produção Audiovisual em Rede. Ferramenta do projeto Escola Animada, que requer cadastro na rede. Através dela, é possível acessar alguns filmes, organizados por temáticas.

O site dá acesso à obras do cinema latino-americano. Infelizmente, o problema maior hoje, é o acesso a filmes legendados para o português. Mas sugerimos fortemente essa plataforma, especialmente para educadores/educadoras e amantes do cinema e das culturas da nossa região.

Plataforma de filmes brasileiros.

Outra opção é o conteúdo produzido por canais de televisão:

tv brasil
tvbrasil.ebc.com.br

futura
www.futuraplay.org

canal brasil
globosatplay.globo.com/
canal-brasil

Vale ressaltar que no Brasil são realizados centenas de festivais dedicados exclusivamente a esse tipo de cinema por ano. É uma ótima forma de conhecer mais filmes, ampliar o acervo do seu cineclube e exercer permanentemente e de forma ativa discussões sobre a produção do cinema nacional. Separamos alguns sites para facilitar o acesso à agenda dos festivais:

planejando a sessão

Com uma tela (a tela que você construiu), uma caixa de som, um projetor e uma fonte de energia, você pode literalmente realizar uma sessão onde quiser, seja na escola, em casa, em um parque, ou mesmo na rua. Na realidade, talvez o mais interessante de um cineclube seja a possibilidade de deslocar o cinema dos lugares formais de exibição. Nós, por exemplo, já realizamos exibições nos lugares mais inesperados, como na beira de um rio, em ocupações urbanas, em garagens, na rua etc.

É interessante pensar em um local que interaja com o filme escolhido, como a rua no caso de filmes que tratem sobre o ambiente urbano. Conseguindo o equipamento básico, mesmo que emprestado, você não precisa de mais nada, de nenhum tostão. Contudo, para não dar errado, vale a pena se organizar. A menor das coisas, como esquecer um adaptador para a tomada, pode arruinar toda uma sessão. Desta forma, deixamos algumas dicas a partir da nossa experiência.

1 aonde exibir

O link a seguir é de um mapa aberto, alimentado constantemente, no qual estão listados locais onde já foram realizadas sessões cineclubistas com informações detalhadas que podem facilitar a organização de novas exibições. O mapa é realizado de forma colaborativa. A ideia é que todo cineclube insira nessa plataforma suas experiências.

goo.gl/EH6fMH



Depois de decidir o local onde será exibido o filme, vale a pena pensar, uma, duas, três vezes no que você irá precisar. Sempre acaba faltando algo, o que pode dar uma dor de cabeça danada ou mesmo impossibilitar a sessão. Para isso, vale a pena enumerar em uma planilha tudo que será necessário para sessão, desde o projetor até um benjamim (“T” de tomada).

2 organizando a sessão

Vale a pena também ter certeza sobre a fonte de energia a ser utilizada, se ela estará disponível no dia da exibição e se ela aguenta a potência do equipamento a ser utilizado. Além disso, é importante estar atento ao ponto de luz (fonte de energia) que você irá utilizar, principalmente se a sessão for acontecer em um lugar inesperado. Verifique a disponibilidade de utilização da energia e a distância do ponto de energia até o local onde será exibido o filme para calcular o tamanho da extensão que você irá utilizar. Segue abaixo um exemplo de planilha que organizamos para uma sessão:

equipamento	quantidade	foi pra sessão?	voltou da sessão?
projetor	1	✓	✓
cabo de energia	1	✓	✓
cabo VGA ou HDMI	1	✓	✓
tela	1	✓	✓
computador	1	✓	✓
carregador	1	✓	✓
arquivo do filme	1	✓	✓
caixa de som	2	✓	✓
cabo p2	1	✓	✓
extensão	1	✓	✓
outros			
fita silver tape	1	✓	✓
adaptador de tomada (T)	1	✓	✓
tesoura ou estilete	1	✓	✓
barbante ou cordão de nylon	1	✓	✓

modelo de planilha preenchida

3 os equipamentos

Você precisa, basicamente, de um projetor, uma caixa de som e uma tela; ou uma televisão — além da fonte de energia. A tela pode ser facilmente improvisada com uma parede branca ou um lençol; contudo, é sempre melhor ter uma tela de cinema, como a que ensinamos a construir anteriormente. Se o coletivo, escola, grupo ou movimento que vocês participam não tiver todos estes equipamentos, não é tão difícil conseguir emprestado com instituições culturais do órgão público e ONGs de sua cidade, desde que comprovada a intenção da sessão. Estas instituições, ao menos em teoria, deveriam fomentar atividades de disseminação cultural como um cineclube. É sim possível conseguir uma parceria com um cinema, museu, teatro, ONG, etc, que colabore na produção de suas sessões. Vale a pena sempre escrever um ofício que ou formalize, ou abra caminhos para uma parceria, como o modelo **A**.

A goo.gl/DJSdNQ
B goo.gl/zxi1s3
C goo.gl/iTBW8r

Em sessões ao ar livre, dependendo do lugar, há alguns cuidados que devemos tomar. O primeiro são os postes de iluminação das ruas que, se estiverem próximos ao local de exibição, podem comprometer a qualidade da sessão. Em algumas situações, pode ser necessário entrar em contato com a empresa responsável pela iluminação para pedirem que deliguem temporariamente aquele poste. O segundo cuidado é com relação a segurança. É simples acionar os órgãos de segurança pública da sua cidade para estarem presentes na sessão. Nos dois casos apontados acima, basta preencher e apresentar os modelos **B** e **C** aos órgãos responsáveis. Além disso, existem algumas redes de colaboração cineclubista no estado que podem ajudar na produção destas sessões. Vocês podem, quando quiserem, entrar em contato com o cinefronteira em caso de dúvidas ou mesmo para possíveis parcerias. Nosso contato segue ao final da cartilha.

4 o debate

Existem três formas básicas de se realizar um debate que podem ser desconstruídas ou reformuladas. A primeira seria através do convite de um comentador familiarizado com o filme, temática ou com a linguagem cinematográfica/artística que debateria juntamente aos espectadores, sendo esta a alternativa mais comum para um cineclube. Vale ressaltar que esta lógica pode ser reformulada. A segunda opção, seria a de um debate de ideias horizontal entre os espectadores do filme, ou seja, onde não existe a presença do “especialista”. A terceira é a proposição de uma atividade fílmica, artística ou escrita para os participantes da sessão, como a criação de um pequeno filme (proposta que será abordada logo mais), a construção de um objeto, uma discussão corporal, um ensaio escrito, etc. Defendemos que esse debate aconteça de forma a potencializar a comunidade de espectadores, indo contra qualquer formação formal como uma aula expositiva ou um seminário. É claro que a depender da proposta de exibição, estes formatos podem ser mais ou menos interessantes. Contudo, se há uma potência nas sessões cineclubistas, esta reside na possibilidade de desterritorializar noções, lugares de fala e espaços. O cinema tem a capacidade de trazer o dissenso para uma comunidade, provocando novas formas de se partilhar aquilo que os filmes nos propõem. Assistimos, discutimos e criamos os nossos próprios filmes, nos encontramos frente a uma tela para dar vida a uma nova comunidade, aonde criatividade e pensamento são sinônimos de uma mesma ideia: cinema.

— parte III

agora é a vez de vocês

“O cinema é novo, o cinema está sempre começando. A verdadeira história do cinema é a história dos amigos que se juntaram para fazer aquilo que eles amam. Para nós, o cinema está começando com todo novo zumbido do projetor, com todo novo zumbido de nossas câmeras, com o zumbido de nosso coração. Nosso coração segue para frente, meus amigos.”

Cinema is not 100 years old, Jonas Mekas (1996)



Depois de construírem sua sala de cinema, assistirem e refletirem sobre os filmes, agora é a hora de vocês realizarem as suas próprias produções. Trazemos, portanto, alguns dispositivos cinematográficos que podem ser trabalhados pelo cineclube. A ideia é que a partir destes momentos de criação vocês possam, conjuntamente, refletir e experimentar a imagem. A invenção é aspecto essencial do cinema, mas não só do cinema, é ela que torna a prática educacional um exercício tão potente e criativo.

Para realizar tais atividades, você não precisa de nada mais do que uma câmera (pode ser a do celular mesmo). Se houver disponível, utilize também um tripé e gravador de som; contudo, estes não são equipamentos essenciais.

AS REDES DE COLABORAÇÃO CINECLUBISTA DE MINAS GERAIS

Fábrica do Futuro (escolaanimada.org.br)
Rede cineclubista da Zona da Mata

Oficina de Imagens (oficinadeimagens.org.br)
ONG de audiovisual de Belo Horizonte

Cinefronteira (www.cinefronteira.com)
Coletivo cineclubista de Belo Horizonte.

AIC – Associação da Imagem Comunitária (aic.org.br)
ONG mineira que desenvolve projetos com jovens nas áreas da comunicação, artes e linguagens audiovisuais.

Filmes de Quintal (filmesdequintal.org.br)
ONG de audiovisual de BH com gigantesco acervo físico de filmes e projetos de disseminação e produção audiovisual, como oficinas de imagem em comunidades tradicionais e escolas

minuto lumière

o quê

Escolha um acontecimento, capture-o.

como

Em dupla — é importante que nenhum participante realize a atividade sozinho, peça para que eles filmem um acontecimento durante mais ou menos 60 segundos. Privilegie planos parados, sem movimento de câmera. Logo depois, assistam às imagens.

porque

O plano é a menor célula do cinema, dentro de sua produção já estão inseridos quase todos os mecanismos de criação audiovisual, até mesmo a montagem.

haikais

o quê

Escreva uma poesia de três linhas, como um haikai. Este será o roteiro do filme que vocês irão gravar.

como

Divida os participantes em duplas ou trios. Cada um desses grupos deve escrever uma pequena poesia de três versos. Para cada verso, filme um plano que remeta a parte ou essência daquilo que é dito na linha. Monte os três planos conjuntamente e observe a sua síntese. Temos aí nosso primeiro filme.

porque

Einstein se apropria da ideia de haikai para refletir sobre a possibilidade de, através de uma “qualidade emocional”, o cinema exprimir conceitos e ideias. Os versos do haikai funcionariam como “as frases de montagem. Listas de Planos. A simples combinação de dois ou três detalhes de um tipo de material cria uma representação perfeitamente terminada de outro tipo – psicológico”. Realizar um haikai possibilita um primeiro lugar de encontro com a montagem, com o cinema de poesia. A ideia é que, através da montagem, sentidos não contidos nas partes deem forma a um conteúdo e uma expressão característica do cinema.

som & imagem

o quê

Capture sons que se relacione com uma imagem, ou vice-versa, uma imagem que se relacione a outros sons.

como

Peça aos participantes que capturem pequenos planos de 30 segundos de acontecimentos quaisquer. Depois assistam aos planos. Eles podem ser visualizados na própria câmera. Depois disso, peça que cada um escolha um plano e capture 30 segundos de som que remeta àquela imagem, mas que, de nenhuma forma, esteja na mesma situação ou ambiente. Realize o mesmo exercício no sentido contrário, grave sons e a partir deles capture imagens que os conectem.

Desconectar o som da diegese do filme significa admitir o seu papel enquanto significante. Neste sentido, quando utilizamos um som que não se encontra dentro do enquadramento da tela, ou a primeira vista desconectado daquilo que acontece no plano, possibilitamos um novo lugar criativo. Experimentos como este são comuns no cinema moderno, mas se tornam emblemáticos nas obras de diretores como Godard e Straub. Hoje, no cinema brasileiro, talvez o diretor que melhor se apropria destas possibilidades seja Lincoln Péricles, de São Paulo. Questionar o real no cinema, através de seus próprios dispositivos, significa distender nossos pontos de vista, apresentar novos caminhos para nossos olhares que, dentro da fruição do sensível, podem surgir.

porque

O cinema, ao longo de seus pouco mais de 100 anos, passou por uma série de transformações tecnológicas que colaboraram para mudanças drásticas na sua relação, tanto com os realizadores quanto com os espectadores. Talvez a mais significativa destas revoluções esteja ligada à presença do som no cinema, o cinema mudo ao cinema falado, a criação do som direto. Este desenvolvimento, por exemplo, tornou possível que a tela e o espaço acústico do cinema se conectassem cada vez mais, promovendo ao espectador uma unificação evidente entre o que é visto e ouvido. Em outro sentido, ele abriu o caminho para novas inventividades ao possibilitar novas experimentações a partir do seu uso.

outros dispositivos

Se você se interessa por tais práticas, pode continuar sua pesquisa didática junto a um grande material que vem sendo construído para um cinema e educação da criação. Para tanto, acesse:

inventar com a diferença

www.academia.edu/30703627/Cadernos_do_Inventar_com_Diferença

cinead (jogos ópticos)

www.cinead.org/pagina/materiaisDidaticos

imagens em movimento

imagensem movimento.com.br/o-projeto/

Cartilha seminal com dispositivos de criação e a proposição de feitura de um filme carta ao final.

Proposição de jogos ópticos a serem trabalhados em escolas.

Versão brasileira do projeto da cinemateca francesa que propõe a várias escolas do mundo inteiro práticas cinematográficas reunidas sobre a proposição de se trabalhar uma questão de cinema.

A partir das discussões suscitadas nas atividades e em outros momentos na escola, sinta-se livre para criar os seus próprios dispositivos. Como colocará Jonas Mekas, “o cinema está começando com todo novo zumbido do projetor, com todo novo zumbido de nossas câmeras, com o zumbido de nosso coração”.

O importante é deixar em aberto os caminhos para a invenção e a descoberta; o cinema constantemente subverte suas próprias regras, ele é um lugar do encontro, o encontro com novas experiências e acontecimentos. Desta forma, não se sintam inibidos, com “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, podemos realizar o que quisermos.

invente os seus dispositivos

crie os seus próprios filmes

Com a disseminação dos equipamentos de vídeo digital, se torna cada vez mais fácil realizarmos um filme. Com o necessário envolvimento, podemos produzir entre os colegas filmes e vídeos que dialoguem com o mundo e nossa comunidade. Ao assistir filmes produzidos para além da lógica industrial do cinema, podemos nos instigar e envolver na produção cinematográfica. Contudo, estudo e labor são imprescindíveis. Esta cartilha é só um alento, uma forma de abrir caminho para o que vocês acharem interessante continuar.

glossário

diegese	construção de acontecimentos de acordo com um tempo fílmico.
enquadramento	é a escolha dos elementos que serão captados pela câmera em forma de imagem, dentro do retângulo da própria câmera.
fruição	ato de fruir, ou seja, deleitar-se ou usufruir de algo; no cinema, refere-se ao gozo estético.
montagem	1 definição empírica: “a montagem consiste em manipular planos com o intuito de constituir um outro objeto, o filme [...] ela organiza a sucessão das unidades que são os planos, e estabelece sua duração” (Jacques Aumont) 2 definição ampliada: “é a organização combinada das ocorrências sintagmáticas na cadeia fílmica” (Christian Metz <i>apud</i> Jacques Aumont)
plano	tudo que acontece entre o ligar e desligar da câmera.
som direto	captação de áudio no ato da gravação, seja pela própria câmera ou por meio de um microfone externo.

realização

**CINE
FRON
TEIRA**

apoio

